

PT.093**EXPRESSÃO DA GLICOPROTEÍNA DO VÍRUS DA RAIVA POR CÉLULAS DE DROSÓFILA E ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE ANTICORPOS EM CAMUNDONGOS IMUNIZADOS**

Ventini-Monteiro DC^{2,1}, Lemos MAN², Jorge SAC², Tonso A¹, Pereira CA², Astray RM² – ¹USP – Escola Politécnica/Laboratório de Células Animais, ²Instituto Butantan – Laboratório de Imunologia Viral

Introdução: células de *Drosophila melanogaster* Schneider 2 (S2) vêm sendo utilizadas para a expressão de proteínas heterólogas, por atingirem altas densidades, serem de fácil cultivo e expressarem estavelmente o gene de interesse. A glicoproteína do vírus da raiva (RVGP) é um produto de interesse biotecnológico por ser responsável pela indução da resposta imune protetora contra a infecção pelo vírus da raiva.

Objetivos: produzir a RVGP através de cultivos de células S2 transfectadas e analisar a resposta imunológica de animais imunizados com essa glicoproteína. **Métodos:** células S2 foram transfectadas com um plasmídeo contendo o gene da RVGP controlado por um promotor de expressão indutível e selecionadas primeiramente por resistência à higromicina. A nova linhagem, S2MtRVGP, foi cultivada em biorreator Bioflo, volume de trabalho 1L, com inóculo inicial de 5x10⁵ cel/mL. Após indução com CuSO₄ (2- 5x10⁶ cel/mL) as células foram cultivadas até início da fase estacionária de crescimento celular (28°C, 90 rpm, OD 10% de saturação de ar). A RVGP foi dosada por ELISA. Os camundongos foram imunizados (dias 0, 7 e 14) com vacina comercial (controle positivo), RVGP recombinante e salina (controle negativo). Após as três doses do agente imunizante os camundongos receberam a cepa CVS intracerebral para ensaio desafio. Os anticorpos foram dosados em amostras de soro por ELISA (Platelia).

Resultados: O X_{max} obtido nos ensaios em biorreator foi 3,1x10⁷ cel/mL e a RVGP_{max} 3,9 mg/L. Após esquema vacinal de três doses a vacina comercial produziu 4,17 UI/mL de anticorpos anti-RVGP (apresentando resultados superiores a 0,5 UI/mL, mínimo exigido pela OMS, após a primeira dose vacinal). A RVGP recombinante, após três doses, apresentou 3,71 UI/mL (superior a 0,5 UI/mL após segunda dose). O grupo salina não demonstrou produção de anticorpos. No ensaio desafio, os animais imunizados com vacina comercial tiveram 100% de sobrevivência, grupo RVGP recombinante 80% e zero no grupo salina. **Discussão:** frente aos resultados obtidos de expressão de proteínas, produção de anticorpos e alta porcentagem de sobrevivência no teste desafio, as células S2 demonstram ser um potencial sistema de expressão para a RVGP. A menor produção de anticorpos nos animais imunizados com RVGP recombinante, em comparação ao grupo vacina comercial, pode estar relacionada ao fato de nossas preparações ainda não conterem pureza adequada e não estarem associadas a adjuvantes.

Suporte financeiro: FAPESP (2009/09327-7) e CNPq (142729/2010-8).

PT.094**AVALIAÇÃO DO PROGRAMA DE ATENDIMENTO ANTIRRÁBICO A PESSOAS ENVOLVIDAS EM AGRAVOS COM ANIMAIS NO MUNICÍPIO DE DESCALVADO, SÃO PAULO, BRASIL**

Grisólio APR¹, Bürger KP¹, Souza RR², Nunes JOR¹, Picinato MAC¹, Moraes FC¹, Frias DFR¹, Machado MA¹, Bichuette MA¹, Carvalho AAB¹ – ¹Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, FCAV/Unesp, Câmpus Jaboticabal/SP – Departamento de Medicina Veterinária Preventiva, ²Graduanda do curso de Medicina Veterinária da UNICASTELO, Descalvado/SP

No Brasil, a raiva urbana encontra-se controlada na maioria dos estados, porém o número de tratamentos profiláticos pós-exposição efetuados em decorrência do envolvimento de pessoas em acidentes com cães ou gatos ainda é elevado. Este trabalho objetivou avaliar os registros de profilaxia antirrábica humana pós-exposição no Município de Descalvado/SP, no período de 2005 a 2009. Para tanto, foi realizado, em parceria com a Secretaria de Saúde do Município, um levantamento de casos registrados nas fichas de investigação de atendimento humano pós-exposição, com informações provenientes do SINAN (Sistema de Informação de Agravos e Notificações). Esses dados foram tabulados no software Microsoft Excel 2007[®] e analisados em tabelas e gráficos. Nos resultados de 752 casos notificados destacou-se no ano de 2005 o elevado número de pessoas que procuraram atendimento médico. Os maiores agravos (75% dos casos) foram registrados na zona urbana, o que indica que a maioria dos agressores eram domiciliados. A faixa etária com mais acidentes foi de 0-15 anos, com 245 agravos. Fato explicado pela intensa atividade das crianças. Para o sexo masculino, 53% dos acidentes, na faixa etária de 31-45 anos. Com relação ao animal, 85% dos agravos foram causados por cães e 9,4%, por gatos. Ainda, 46,8% dos cães e 33,8% dos gatos envolvidos nos acidentes foram declarados vacinados no momento da agressão. No entanto, há falhas de preenchimento do campo relacionado a vacinas nas fichas de notificação. Para os cães, 39,15% delas estavam incompletas e, para os gatos 46,47%.

Em 70,6% dos casos, o animal foi declarado sadio no momento do agravo e 85,3% mantiveram-se sadios durante o período de observação; no entanto, 29,4% das fichas estavam incompletas com relação a esta informação. Por fim, 553 (73,54%) pessoas envolvidas nos acidentes foram submetidas à profilaxia com uso de vacinas, e os casos conduzidos apenas com a observação do animal, ou seja, sem instituição de vacina, foram 199 (26,5%). Com relação ao soro antirrábico, foi indicado para 70 pessoas (9,3%). Os resultados indicam que a instituição de profilaxia pós-exposição, na maioria dos casos, foi feita com base apenas na caracterização dos acidentes, não se levando em consideração a condição epidemiológica da área e nem a condição do animal no momento do agravo. É visível a necessidade da atuação de forma integrada entre os serviços médico e médico veterinário na conduta do atendimento e da capacitação dos demais profissionais envolvidos no tema, o que favorece a correta aplicação do tratamento antirrábico pós-exposição.